

# Apresentação

A edição atual da *Novos Olhares* segue a tradição da revista de oferecer a seus leitores contribuições relacionadas a diferentes aspectos dos estudos de comunicação. Dentro de uma perspectiva mais teórica, e em diálogo com as ciências sociais, **Márcio Serelle** debate questões comunicacionais presentes na obra de Jessé Souza, que se referem à contribuição da mídia para a propagação e consolidação do que o sociólogo denomina “culturalismo conservador”. Nesse percurso, o autor ressalta a complexidade das interações midiáticas no processo de propagação e consolidação dessa ideia-força. **Helder Prior** e **Caio Teruel**, por sua vez, refletem acerca das contribuições teóricas do sociólogo alemão Hartmut Rosa sobre a aceleração social do tempo para o campo do jornalismo, partindo da hipótese da ocorrência de uma aceleração da produção jornalística, dessincronizada da capacidade receptiva dos leitores e facilitadora da desinformação. O jornalismo também está presente nas preocupações de **Frederico de Mello Brandão** e **Lucas Porfírio**, que discutem a “escrita ética” que o perpassa, bem como sua relação com o tempo presente, a partir da reportagem “Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece”, do jornalista Chico Felitti, publicada no site *Buzzfeed*, em outubro de 2017.

O campo das audiovisualidades é o eixo comum à maior parte dos artigos desta edição. **Cláudio Coração** e **Pedro Lavigne** buscam identificar os modos de existência do desenho animado enquanto objeto midiático com potencial de atuação política no cotidiano, a partir de uma análise do desenho *Steven Universe* (EUA, 2013), do *Cartoon Network*. **João Vitor Resende Leal** busca examinar alguns dos princípios que regem a representação da metrópole contemporânea na produção audiovisual brasileira, dedicando-se à série televisiva *Alice* (2008), cuja protagonista tem sua vida afetiva atravessada por suas descobertas da cidade. **Daniela Mazur**, **Melina Meimaridis** e **Daniel Rios** dedicam-se ao cenário do *streaming* de vídeo na Coreia do Sul e à atuação dos conglomerados locais para reter o controle sobre esse mercado, revelando nuances e estratégias de uma indústria de mídia em ascensão na periferia global. E enquanto **Denise da Costa Oliveira Siqueira** e **Jéssica Baptista dos Santos Ventura** procuram refletir sobre a construção das emoções, em especial do sentimento de vergonha, e sobre o discurso moralista nos programas televisivos que abordam a temática do consumo consciente e sustentável, **Juliana Gusman** busca problematizar como o devir feminino é trabalhado no documentário *Elena* (2012), de Petra Costa, que almeja reflexionar sobre as agruras do processo de “vir a ser mulher” lançando mão de diferentes matérias de expressão, articuladas criticamente para tensionar padrões culturais de gênero violentos.

É também com um olhar sobre as questões de gênero que **Juliana Doretto** e **Glauce Cunha** buscam compreender, por meio de um estudo de recepção, como Marina Silva é percebida por sua audiência nas redes sociais, enquanto figura pública e mulher negra de origem pobre, no cenário político brasileiro, dominado por homens brancos.

Desejo a todas e todos uma ótima leitura.

Eduardo Vicente